

Obras artísticas

Galeria do Paço

Átrio

Kiluanji Kia-Henda (Angola, 1979)^A **Lunda in the Sky with Diamonds, I** Impressão digital sobre papel mate montada em alumínio 88x130 cm (2007) Edição 2/5 + 1 PA Obra cedida pela Galeria Filomena Soares, Lisboa

Os diamantes e o petróleo têm tido um papel essencial para a economia angolana, não só durante o período colonial como após a independência. A geração de artistas nascida no rescaldo da longa guerra civil que avassalou o país durante 27 anos foi fortemente influenciada pela cultura socialista pós-independência e pelo difícil legado do colonialismo e da guerra civil. O trabalho de Kia-Henda incide sobre as relações de poder que moldaram o colonialismo e as suas consequências para a sociedade angolana contemporânea. Em 2007 o artista visitou Saurimo, na região da Lunda Sul onde se situa a mina de Catoca - uma das maiores jazidas de kimberlitos diamantíferos do mundo. Esta obra retrata as cicatrizes infligidas na paisagem deixadas pela indústria mineira evocando a ‘ferida colonial’ que, parafraseando Grada Kilomba, continua por tratar.

Piso 1

Nuno Nunes-Ferreira^B (Portugal, 1976) **Angola é Nossa!** Instalação Caixa de madeira original pertencente a um ‘retornado’, aparelhagem de som, remix em loop da música tocada pelo coro e orquestra FNAT 53x103x57 cm (2015) Coleção do artista

Com extraordinária simplicidade a obra evoca simultaneamente o início e o fim da guerra colonial, bem como os seus paradoxos: houve soldados que morreram por uma terra que não era sua e ‘retornados’ que viveram de se estabelecer num país que nunca haviam conhecido. Para esta instalação o artista usa uma caixa comprada no OLX que foi usada por uma ‘retornada’ para a remessa dos seus bens para a metrópole. Milhares de contentores e caixas como esta povoaram duran-

te anos a zona das docas de Lisboa, na vizinhança do Padrão dos Descobrimentos, junto à Praça do Império. Foi também aqui que os contingentes de soldados embarcavam para servir na ‘guerra colonial’ sendo usual ouvir-se, durante estes embarques, a marcha militar “Angola é nossa” gravada pela orquestra da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT).

Ângela Ferreira (Moçambique, 1958)^C **Untitled (da série Stone Free) Adventures in Mozambique and the Portuguese Tendency to Forget** Vídeo 19 minutos, cor, som (2015) Coleção Tate Modern, Londres Coleção MACBA, Barcelona Obra cedida pela Galeria Nieves Fernandez, Madrid

O Estado Novo investiu fortemente em missões antropológicas e etnográficas com o objetivo de cartografar e domesticar o território colonial e as suas populações. O estudo da população permitiu recolher informações e verificar a fidelidade da população ao regime. Este é o tema subjacente a esta obra em vídeo que expõe o lado menos conhecido do trabalho desenvolvido em Moçambique por Margot e Jorge Dias durante as missões para o estudo da etnia Makonde, financiadas pelo Estado Português. As expedições com fins científicos antropológicos e etnográficos produziram uma manancial de documentação. Para este trabalho, a artista resgatou do Arquivo da Torre do Tombo os relatórios confidenciais redigidos por Jorge Dias. A obra discute a estreita e incómoda relação entre a Antropologia e a política colonial.

René Tavares^D (São Tomé e Príncipe, 1983) **Thinking About Africa’s Future (da série Fantastic African Union)** Técnica mista sobre tela 2,00x1,90 m (2020) Obra cedida pela Galeria This is Not a White Cube, Lisboa

Os trabalhos mais recentes deste artista têm assumido uma componente política transferindo referências da memória, da identidade e do património para o contexto contemporâneo. Esta pintura, que tem no

seu centro uma África a vermelho, talvez aluda ao futuro político que se desenhava para o continente após as diferentes independências. Esta obra é mostrada numa sala onde abundam mapas produzidos para cartografar, definir e controlar o território da antiga colónia de Angola.

Ângela Ferreira (Moçambique, 1958)^E **Untitled (da série Stone Free)** Pastel seco sobre papel 35x49 cm (2018) Obras cedidas pela Galeria Cristina Guerra, Lisboa

Untitled (da série Stone Free) Pastel seco sobre papel 35x49 cm (2018) Obras cedidas pela Galeria Cristina Guerra, Lisboa

Stone Free Star of Africa Lápis sobre papel 37x49,8 cm (2012) Expostos 2 dos 4 elementos que compõem a obra Cal. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição em 2018.

O projeto Stonefree do qual fazem parte, para além destes desenhos, duas esculturas, faz a ligação entre dois espaços subterrâneos: a mina de Cullinan, na África do Sul, e a Caverna de Chislehurst, em Inglaterra. Da mina foi extraído, em 1905, o maior diamante alguma vez encontrado. A pedra foi dividida em sete grandes diamantes sendo que os dois maiores integram hoje a coleção real britânica. A caverna no sul de Londres é um labirinto de túneis que serviu de local de atuação de bandas rock durante a década de 1960. Jimi Hendrix terá atuado nestas cavernas e o título desta série é tomado por empréstimo a uma das canções do músico. Ao justapor estes locais com forte carga política, a artista evoca as imbricadas relações que ligam a Inglaterra à África do Sul, sob o prisma das identidades pós-coloniais. Tal como a obra de Kia-Henda, estes desenhos apresentam uma forte carga simbólica pois a indústria dos diamantes da África do Sul contribuiu para sustentar o regime do apartheid.



escultura pretende simplesmente contaminar a história oficial.

Filipa César^N **Mined Soil** Vídeo Filme de 16mm transferido para HD, 32 minutos, cor, som (2012–2014) Obra cedida pela Galeria Cristina Guerra, Lisboa

Nos últimos anos o trabalho desta artista tem-se desenvolvido em torno do arquivo audiovisual da Guiné-Bissau. O material documenta o nascimento do cinema de militância, fortemente promovido por Amílcar Cabral enquanto projeto de descolonização. O combatente trabalhou como agrónomo para o Ministério do Ultramar de Portugal tendo viajado por muitos domínios do então império português. Neste vídeo-ensaio, César argumenta que Cabral terá subversivamente usado o seu cargo para desenvolver a luta anticolonial. O percurso do agrónomo e combatente guineense Amílcar Cabral levou-o ao Alentejo

Mónica de Miranda (Portugal, 1976)^F **Springboard (da série Panorama)** Impressão digital s/ papel fine art 50x75 cm (2007) Obra cedida pela Galeria Carlos Carvalho, Lisboa

Esta obra pertence a uma série de fotografias que retratam o estado atual de alguns dos equipamentos construídos durante o colonialismo tardio, como esta piscina pública ao ar livre, o Hotel Panorama ou o Cinema Karl–Marx (antigo Cinema Avis), exemplos da arquitetura modernista na capital angolana, entre 1950 e 1975. As vitrinas da modernidade de outrora apresentam-se hoje como ruínas degradadas ou abandonadas. Estes são locais que fazem parte da geografia afetiva da artista, locais que frequentemente visita e regista na sua obra. Estes ‘rituais de regresso’, mediados pela fotografia, representam uma reflexão em torno da identidade pós-colonial híbrida e a relação entre os acontecimentos históricos e o seu passado familiar.

Alida Rodrigues (Angola, 1983)^G **The Secret History of Plants** Colagem / técnica mista Dimensões variáveis 2014–2019 Coleção da artista

No contexto colonial, e na tradição da objetividade etnográfica, a representação do negro raramente perturba a imagem estereotipada que contribuiu para legitimar as clivagens raciais entre o colonizador e o subalterno silenciado. Surpreendida com a falta de retratos fotográficos que transcendessem essa hegemonia, a artista criou uma série de colagens a partir de postais fotográficos com a finalidade de a subverter. Nesta apropriação e interferência nas imagens históricas, o sujeito original da imagem é apagado e substituído por desenhos de espécies vegetais que eventualmente pertencem ao mesmo período histórico. Através desta mediação artística, o novo sujeito adquire uma nova identidade desvinculada da questão racial.



onde estudou o fenómeno da erosão do solo. Nesta mesma região opera hoje uma empresa canadiana que se dedica à prospeção e exploração mineiras. No vídeo, o próprio solo é descrito como um repositório de memórias, entrelaçando processos de luta e de consciencialização política.

Henrique Neves Lopes^O **Meninos de sua mãe** Algodão bordado em linho 42x29 cm (2016) Coleção do artista

Este trabalho tem como ponto de partida um álbum da guerra colonial. Nestas imagens se não fosse pelo uniforme militar, nada aponta para o decorrer de uma guerra. São situações de não-batalha: militares portugueses posando com leões e palancas mortas, cadáveres de jibóias parodiadas, crianças fardadas, festas de carnaval com soldados travestidos. A violência é ambígua e está presente nas relações entre os intervenientes e em situações em que os próprios militares não são apenas sujeitos

Marilú Mapengo Námoda (Moçambique, 1991)^H **Memórias de uma Língua Cão** Instalação Dimensão variável (2019)

As línguas e identidades nativas invisibilizadas são o foco desta instalação imersiva, baseada nas memórias da infância da artista ligadas à sua língua materna, Chwabo. Com a imposição do Português como língua oficial do Império que o assimilado deveria dominar, as línguas locais foram desconsideradas, a sua aprendizagem interrompida e a sua sobrevivência fragmentada. O elemento central da instalação consiste em re-interpretar significados e referências visuais do grupo etnolinguístico Bantu. Esta obra pretende, como sugere a artista, construir um espaço de re-significação do legado histórico enquanto experiência curativa dos traumas identitários inter-geracionais pós-coloniais.

Irineu Destourelles^I (Cabo Verde, 1974) **New Words for Mindelo’s Urban Creole** Vídeo 10 minutos e 26 segundos, preto e branco, som (2014) Coleção do artista

Esta obra em vídeo defende a necessidade de atualizar a linguagem de acordo com as dinâmicas da contemporaneidade, abrindo-se a novas identidades, novos géneros, com todas as suas nuances. Usando neologismos que fazem referência a nomes de antigos administradores coloniais e a personagens da mitologia grega, o artista estabelece um paralelo entre a história colonial e as dinâmicas sociais que surgiram no país a partir da década de 1990, com o fim do regime marxista de partido único. A necessidade de descolonizar a língua é sentida por uma geração mais jovem que questiona os limites do sistema linguístico confrontando-se com a sua rigidez, a sua matriz patriarcal e o discurso normativo que lhe está associado. Este vídeo aponta para o impacto da globalização sobre a linguagem, a memória e a cognição.



ativos, mas também recetores de violência, fome, de deslocamentos culturais e de geografias, da falta de educação e escolaridade. Este trabalho pertence a uma série de bordados que recriam algumas dessas imagens.

Catarina Simão^P **Effects of Wording** Vídeo 29 minutos, cor, som (2014) Obra cedida pela artista

Recorrendo quase exclusivamente a documentos de arquivo, o vídeo reconstrói a criação do ‘Instituto de Moçambique’, um programa educativo promovido por Eduardo Mondlane. Com o objetivo de proporcionar aos estudantes a possibilidade de continuarem os seus estudos à margem do sistema colonial, o Instituto foi financiado através de fundos privados norte-americanos. Este apoio criou um incidente diplomático com o Governo português que equiparou esta subvenção a um apoio direto às atividades revolucionárias. O ensaio segue diferentes linhas narrativas,

Francisco Vidal (Portugal, 1978)^J **Cotton n’ Katanas** Óleo sobre catanas 1,00x1,10 m (2021) Coleção do artista

Nesta obra o artista pinta uma tela de catanas que quase desaparecem devido às cores vivas das flores sobre elas representadas. Este é um motivo algo inusual para o artista, mais conhecido pela sua linguagem urbana e ‘graffiteira’. A obra faz uma referência direta à revolta dos trabalhadores das plantações de algodão da Cotonang, na Baixa do Kassanje de Angola. Por falta de outras armas, os manifestantes usaram as suas ferramentas de trabalho, ou seja, as catanas. Embora a propaganda oficial do regime tenha minimizado a revolta, as autoridades coloniais responderam com uma violenta repressão militar, matando milhares de homens, mulheres e crianças. Este massacre representa o início da luta de libertação de Angola e da ‘guerra colonial’.

René Tavares^K (São Tomé e Príncipe, 1983) **We Are All Colored People** Técnica mista sobre tela 2,50 m x 2,25 m Obra cedida pela Galeria This is Not a White Cube, Lisboa

A exposição na Galeria do Paço termina na sala dedicada aos trabalhos de mineração. Este é de facto o núcleo de fotografias mais proeminente e certamente mais perturbador. Estas imagens são desconfortáveis porque atestam inequivocamente o racismo institucionalizado em vigor. O trabalho forçado, a escravatura, representa para a identidade negra um trauma ancestral, associado à génese da diáspora africana. René Tavares faz, nas suas pinturas e desenhos, uma síntese pessoal da sua própria identidade, deslocações e posicionamentos face ao passado. Esta pintura parece sugerir que também a noção da cor da pele faz parte desse conjunto de construções e categorias e que no fundo todos temos uma cor de pele.

Obras artísticas

Museu Nogueira da Silva

Délio Jasse (Angola, 1980)^L **E se mais mundo houvera** Residência artística

Délio Jasse trabalha a materialidade do fotográfico, interferindo no processo de revelação das imagens. Os seus trabalhos partem frequentemente de arquivos encontrados e imagens encontradas. Pela especificidade da sua prática artística, Délio Jasse foi o artista convidado para a residência artística para trabalhar diretamente as imagens do arquivo Diamang (MNS). O título desta instalação provém de uma fotografia encontrada no arquivo. A imagem mostra um mapa-mundo que traça as rotas das viagens dos descobrimentos portugueses. Com colagens de pequenos diamantes, desenha-se a frase “E se mais mundo houvera”. Trabalhando a materialidade do fotográfico, intervindo e manipulando as imagens, a partir do negativo, Jasse tenta quebrar o olhar colonial e devolver a dignidade às pessoas na grande maioria representadas anonimamente nas fotografias originais.

HORÁRIOS

Museu Nogueira da Silva

Segunda-feira das 10 às 17:00 (tocar a campanha)

Terça-feira a sexta-feira das 10 às 12:30 | das 14:00 às 18:00 (12:30 > 14:00, tocar a campanha)




Sábado das 10 às 12:30 | das 14:00 às 18:00

Encerrado nos feriados.

Galeria do Paço

Segunda-feira a sábado das 10:00 às 18:00

Aberto nos feriados de 3, 10 e 24 de junho

Ficha Técnica:	
Equipa curatorial: Duarte Belo, Fátima Moura Ferreira, Miguel Bandeira Duarte, Patrícia Leal.	Projeto de investigação “Mapeamento e Sentidos Críticos do Arquivo Fotográfico da Empresa Companhia de Diamantes de Angola (Diamang)”, coordenado por Fátima Moura Ferreira (lab2PT/Universidade do Minho).
Colaboradores: Ana Catarina Gomes, Ana Sandra Meneses, André Castanho, António Ferreira, Maria Emília Ferreira, António Sousa, Bruno Madeira, Carina Ferreira, Carla Xavier, Cátia Batista, Francisco Azevedo Mendes, Gustavo Prieto, Isabel Macedo, Isabela Curvo, José Inácio F. P. Martins, Manuel Moreira, Márcia Oliveira, Maria Alice Soares, Maria de Fátima Santos, Maria do Mar Fazenda, Maria Helena Trindade, Maria Isabel Garcia, Maria Manuel Oliveira, Norberto Quintino, Paula Góis Simões, Rita Oliveira, Sandra Barbosa, Tiago Silva.	Agradecimentos: Antónia Fernandes, António Lázaro, António Matos, Bernardo Reis, Carla Bacelar Ferreira, Carlos Fontes, Cláudia Bueso, Guilhermina Bonjardim, Joaquim Macedo, Jorge Mano Torres, José Ferraz, Júlio da Silva Pedro, Manuela Palmeirim, Natacha Antão, Natália Pereira, Nuno Macieira, Pedro Moura Ferreira, Regina Alves.
diamang.lab2pt.net	
Organização	Apoio
   <small>Laboratório de Paisagens, Património e Território</small>	